

LEITORES EM SÉRIE: POR QUE NÃO “LEITORES”?

Arthur Barros de França (UFRN)¹

arthurbarrosfr@hotmail.com

Orientadora: Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves (UFRN)²

penhalves@msn.com

INTRODUÇÃO

A discussão acerca da validade dos livros-cânone – aqueles que obtêm com o passar do tempo, pelas instâncias de legitimação, um estatuto artístico e conteudístico elevados - no despertar da leitura, bem como dos chamados livros em série, cujos enredos continuados e as relações com a mídia cinematográfica e a internet prendem a atenção, geralmente, dos mais jovens e o interesse do mercado editorial, tem sido recorrente no meio literário e linguístico.

Alguns, como o professor e crítico literário Harold Bloom, veem a “literatura de massa”, mais especificamente *Harry Potter*, como uma “confirmação do emburrecimento” dos “leitores não-leitores”, em virtude de considerarem os escritos como sendo de péssima qualidade e de má influência para o público juvenil, que, se recostando sob tais livros, não evolui para outros, ficando na mesmice. Outros - incluindo a proposta deste artigo -, em contrapartida, sobre as sagas - como são popularmente conhecidos os romances com continuação -, vislumbram um leitor em formação, dotado de capacidade suficiente para aprender muito nos quesitos linguístico e cultural, podendo, por sua vez, crescer acompanhando o amadurecimento na leitura e, mais tarde, quem sabe, aventurar-se na literatura de prestígio com o mesmo prazer.

Nesse sentido, como já se pôde perceber, o objetivo do presente trabalho é, além de defender a eficácia da estigmatizada literatura supérflua e um indivíduo consciente e, sobretudo, participativo no processo de construção significativa da obra, traçar o perfil dos que a leem.

Para embasar a discussão que aqui é proposta, será utilizada a concepção dialógica de linguagem e as formulações de Bakhtin e o círculo sobre enunciado concreto, considerando a unicidade e eventicidade do Ser, a metáfora eu/outro e o aspecto axiológico inerente ao existir humano, bem como as concepções de leitura de Paulo Freire e de João Wanderley Geraldi.

Ainda, inserindo-se na área de Linguística Aplicada, que trata dos fenômenos relacionados à linguagem em uso da vida real, esta produção é parte do projeto de

¹ Bolsista de iniciação científica no projeto de pesquisa “Leitores em série: ler à revelia da escola e do cânone”

² Professora associada do departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em estudos da linguagem

pesquisa sob título “Leitores em série: a formação de leitores em comunidades” em andamento, cuja metodologia reside na aplicação de questionários e entrevistas às pessoas em foco – devidamente situadas socialmente, economicamente, linguisticamente e tecnologicamente -, a fim de produzir conhecimento sobre esses leitores, de certa forma, marginalizados pelos parâmetros tradicionais de legitimação e, por conseguinte, deixar aos interessados no assunto mais um trabalho relevante.

1 CONCEPÇÃO DE LEITURA

O que se entende por *leitura* é indispensável no desenvolvimento de qualquer trabalho que a envolva diretamente, por isso, aqui não seria diferente. Concebendo o processo de codificação da palavra como subordinado à captação e interpretação dos acontecimentos do mundo, como também atribuindo relevância a não distinção entre texto e vida na aprendizagem, Paulo Freire (1998) afirma:

Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto se encarnavam também no assobio do vento, nas nuvens do céu, nas suas cores, nos seus movimentos; na cor das folhagens, na forma das folhas, no cheiro das flores – das rosas, dos jasmims -, no corpo das árvores, na casca dos frutos [...] Foi nesse tempo, possivelmente, que eu, fazendo e vendo fazer, aprendi a significação da ação de amolegar. (p. 10)

Nota-se, no excerto em que Freire descreve a sua formação básica inicial, que o fazer deve ser vivenciado por educador e educando, a fim de que, dentro de uma prática concreta de libertação e construção da história, o alfabetizando seja inserido num progresso criador, cuja “leitura da palavra” seja precedida pela “leitura do mundo”.

Desse modo, a leitura deve ser usada também como um instrumento político, do qual o leitor é um sujeito atuante na realidade que o circunscreve. Disso, resulta a mediação da experiência dialógica entre pessoas no ato e o processo crítico de ensino-aprendizagem.

Ao mesmo tempo, encarando essa lógica da não desvinculação do texto com o contexto, é preciso compreender que a leitura em si, embora aparentemente estática, tem o condão de movimentar o sujeito no pensamento e na análise. Por isso, ela não deve ser memorizada mecanicamente, porém, refletida - já que implica, além de abstração, prática.

No campo escolar, a capacidade que os livros têm ainda não foi assimilada de um todo. Muitas vezes, ainda se veem bibliotecas restritas ao silêncio, numa contrariedade tamanha entre o poder de expressão que a leitura proporciona e a realidade monótona. Isso ocorre por várias razões que não cabem aqui explicitar. No entanto, algo é certo: o educando urge ser ouvido quanto às preferências de leitura e de âmbito na biblioteca, porque esta não faz sentido sem leitores.

Outro aspecto interessante de se levantar no que diz respeito à leitura é a relevância do processo prazeroso para o desenvolvimento de um futuro leitor. Geraldi

(1997), por exemplo, defende isso quando aponta que “na escola, os alunos não leem livremente, mas resumem, ficham, classificam personagens, rotulam obras”, numa perspectiva que ceifa a liberdade de transformação do texto pela priorização de outras aptidões. Por isso, intrínseca à formulação de leitura, necessita vir certo prazer, que pode ser caracterizado de diversas maneiras, não sendo, pois, uma definição única.

2 LEITURAS À REVELIA DO CÂNONE

Falar em *cânone* e em *literatura de massa* é, inevitavelmente, como mostram as miríades de opiniões existentes, abrir espaço para a polêmica. Esta que reside, sobretudo, já na definição isolada dos termos. Por exemplo, o que vem a ser *cânone*? A *literatura de massa* também pode ser, em algum momento, rotulada como tal? Perguntas difíceis, a propósito, que este trabalho não pretende responder, claro, mas problematizar.

O vocábulo “cânone” deriva da palavra grega *kanon*, cuja designação residia em fazer medidas. Atualmente, o termo é caracterizado como um conjunto de regras acerca de determinado assunto. Em literatura, por sua vez, a significação é levada ao estatuto de “bela” arte, na qual a obra, de alguma forma, atende a aspectos de prestígio.

Entretanto, a definição de *cânone* é dinâmica, sendo, normalmente, avaliada pela questão do gosto. Como cada pessoa - por ser única e passar por formações também únicas e irrepetíveis - tem gostos diferentes, então, o julgamento se torna de caráter superficial; juízos de valor são subjetivos.

Saindo de uma linha definitiva do que é *cânone*, Ítalo Calvino (2004) elenca algumas proposições, como esta: “os clássicos são aqueles livros dos quais, em geral se ouve dizer: ‘Estou relendo...’ e nunca ‘Estou lendo...’”. Ainda que a proposta dê uma ideia mais lógica da possível definição de *clássico* ou *cânone*, cai-se na já mencionada subjetividade. Quer dizer, muitos, por exemplo, hoje em dia, releem *Harry Potter* e, nem por isso, o conjunto de livros do pequeno bruxo é bem visto pelos críticos.

E quanto à *literatura de massa* ou *leituras à revelia do cânone*, o que são, afinal? Em relação ao enquadramento teórico da literatura de prestígio, essa tarefa é, relativamente, fácil. Trata-se de leituras que estão à margem dos ditos clássicos, como, por exemplo, os *best-sellers*, que, embora não sejam vistos com “bons olhos”, têm um público bem extenso.

Análogos ao conceito dos mais vendidos estão também os *livros em série* ou as *sagas*, que são, em sua maioria, romances com continuação, como *Harry Potter*, *A guerra dos tronos*, *Crepúsculo*, *Percy Jackson* etc. A visão deste trabalho, por sua vez, recai sobre eles e os seus respectivos leitores.

Ignorando a opinião dos mais tradicionais, os *leitores em série* continuam vivendo suas vidas, “devorando” livros e, com isso, aprendendo. Harold Bloom (2000), professor e crítico literário, contudo, em entrevista ao *Wall Street Journal*, discorda, apontando:

A vast concourse of inadequate works, for adults and for children, crams the dustbins of the ages. At a time when public judgment is no better and no worse than what is proclaimed by the ideological cheerleaders who have so destroyed humanistic study, anything goes. The cultural critics will, soon enough, introduce Harry Potter into their college curriculum, and The New York Times will go on celebrating another confirmation of the dumbing-down it leads and exemplifies.

O que o professor esquece, no entanto, é que o emburrecimento a que ele faz referência, quanto ao *best-seller*, pode ser uma forma de inicialização à leitura adolescente, de maneira que o leitor juvenil pode, mais tarde, migrar para outras fontes. É preciso, aliás, salientar que o público adulto também se apropria das *leituras em série*, como Silvia Helena Simões Borelli (2008), ao analisar *Harry Potter*, indica:

Há, sobre *Harry Potter*, um dado interessante: a série infantil foi, na origem, destinada mais especialmente aos segmentos de público infantil e adolescente, em particular os três primeiros volumes [...] Mas essa tendência se alterou e os livros subseqüentes [...] passaram a ser lidos por um público bastante amplo, provocando um “vazamento” de fronteiras. (p. 59)

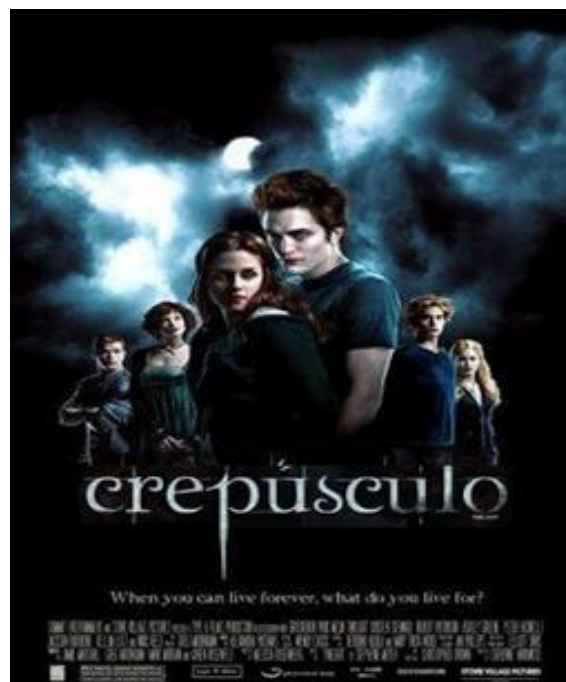
Nesse sentido, o campo das leituras reservadas a determinado público está se alterando, havendo um mistura de leitores de diferentes idades. Para abarcar esse envolvimento dos mais velhos, as editoras que publicavam *Harry Potter*, por exemplo, aos poucos, alternaram a capa do bruxinho, deixando-a mais madura – perceptível nas imagens abaixo.





Sabendo disso, alguns críticos já trataram de ridicularizar a situação, vendo como um absurdo uma literatura, a princípio pensada para crianças e adolescentes, ser lida por adultos. Todavia, os que agem assim esquecem de que não há regras na leitura, isto é, os ditos escritos infantojuvenis não são relegados a uma determinada data; podem ser lidos e relidos. Quem, por exemplo, já não releu *O pequeno Príncipe* (1943), de Antoine Saint-Exupéry enquanto adulto? É inocente, pois, o discurso que não reconhece a fantasia como preciosa à realidade.

Por falar em fantasia, vale salientar a intrínseca ligação que *a literatura em série* tem tido com o ambiente cinematográfico. Este tem sido responsável por disseminar várias obras e, por que não, incentivar a leitura. Atualmente, um filme vampiresco, *Crepúsculo*, fez muito sucesso no Brasil, e algumas pessoas só vieram saber que a saga existia a partir da visualização do filme, em que a imagem disposta abaixo está.



Em verdade, não são apenas os filmes que têm sido relacionados a livros. A internet, que reúne os conteúdos de diversos âmbitos, é o local em que a *literatura de massa* recosta-se com mais frequência. O leitor-conectado vislumbra o âmbito perfeito para ver assuntos relacionadas à sua saga, bem como para interagir com outros leitores. No antigo *Orkut*, não era raro ver fóruns que se dedicassem à discussão de livros.

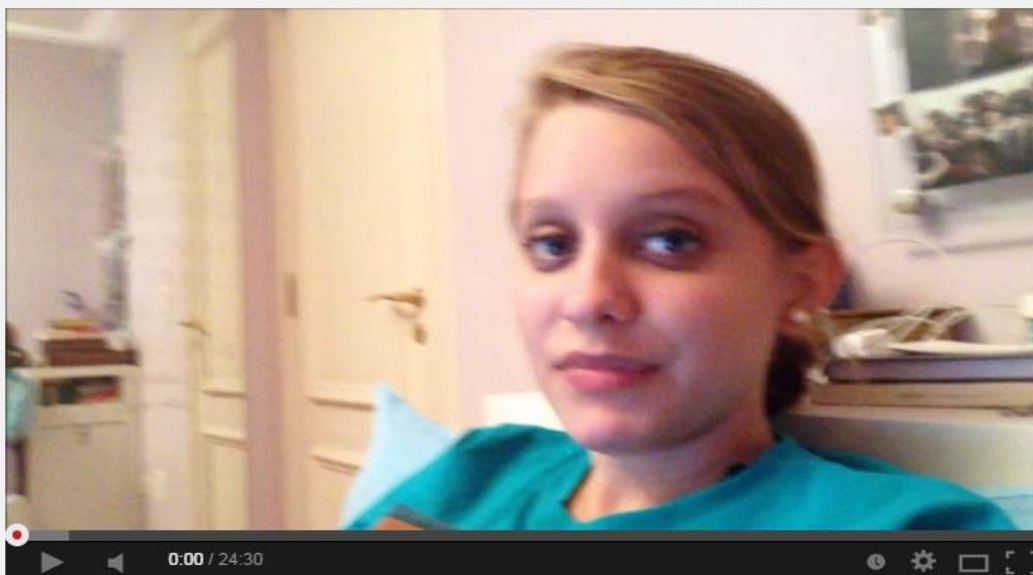


The screenshot shows a forum post on Orkut. The title is "Já pensaram num Parque Temático do Harry Potter?". The post is by user "Rafael 'Gigante'" and is dated 17/12/05. The content of the post asks for suggestions for a Harry Potter theme park and mentions an idea of a Hogwarts Express replica that would be invaded by a Dementor. The forum navigation shows 81 posts, with 1-10 currently displayed.

Atualmente, pelo *Facebook* e *Youtube*, o mesmo acontece, embora com diferenças. No primeiro, a interação ocorre mais rotineiramente pelos grupos, num registro tanto áudio-visual como escrito; enquanto, no segundo, os registros são feitos apenas áudio-visualmente.



The screenshot shows the Facebook page for "Harry Potter - Brasil". The page features a large banner image of a cat's face (likely Sirius Black) with the Hogwarts castle in the background. The page name is "Harry Potter - Brasil" and it is categorized as "Actor/Director". It has 232,220 likes. The page includes navigation tabs for "Timeline", "About", "Photos", "Videos", and "More". There are also buttons for "Like", "Follow", and "Message".



Tag 50 perguntas sobre Harry Potter



Ana Luísa Bussular

Inscriver-se 244

5.904

+ Adicionar a Compartilhar ... Mais

166 6

Além disso, não somente pelas redes sociais ocorre a transmissão de conhecimentos entre leitores, tendo em vista que clubes de leitura são localizados facilmente quando colocados no site *Google*.

Vale salientar, por fim, a relevância que a *literatura em série* tem demonstrado no ensino-aprendizagem, quando proporciona aos seus leitores o exercício da prática escrita através dos *fanfic*, que são ficções criadas por fãs, com o intuito de dar continuação ou destinos outros para o romance original da preferência deles.

CONCLUSÃO

Neste artigo, foi feita uma breve problematização dos *leitores em série* e, consequentemente, da literatura que lhes dá nome. Na perspectiva de um diálogo infinito, os leitores em questão devem, sim, ser chamados de *leitores*, porque agem sobre si mesmos e sobre os outros enquanto leem e compartilham informações.

A negação, por sua vez, da *literatura de massa* exclui, por conseguinte, o leitor e a sua história, por isso é preciso assumi-los, encarando o ato como libertador e livre de preconceitos. A escola, por exemplo, poderia, no âmago de sua responsabilidade, assumir os leitores como potenciais em formação, tendo na disciplina de literatura, dessa forma, alunos mais engajados - lendo a própria realidade.

É necessário salientar que aqui não se defende a exclusão dos clássicos da escola. Pelo contrário, eles são essenciais na formação intelectual dos sujeitos e, dessa

maneira, devem sempre ser utilizados. A ressalva que é feita, entretanto, nesta produção, diz respeito à diversificação das obras e também ao momento adequado de utilização delas.

Por fim, entende-se este trabalho como importante por estar envolvido em situações de comunicação reais, em que a teoria não se distingue da vida. Como responsável por continuar um diálogo com pessoas e discursos e compreendendo as suas lacunas, ele tem relevância - podendo ser preenchido de significações por aquele que o lê.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **A Importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de Linguagem e Ensino de Português, In: _____. (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

Bloom, Harold. **Can 35 million book buyers be wrong? Yes**. Wall Street Journal, July 11, 2000.

BORELLI, Silvia & FREIRE FILHO, João (orgs.). **Culturas juvenis no século XXI**, São Paulo, Educ, 2008, p. 59-76.